

UNIDADE 2

BIBLIOTECÁRIO: RESPONSABILIDADE SOCIAL

2.1 OBJETIVO GERAL

Apresentar as responsabilidades sociais do profissional bibliotecário em suas quatro grandes divisões: educacional, recreacional, cultural e informacional.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta unidade, você seja capaz de:

- a) identificar as responsabilidades sociais do profissional bibliotecário;
 - b) compreender as implicações das responsabilidades sociais nos fazeres do profissional e na criação e implementação de serviços para os usuários.
-

2.3 PRESERVAÇÃO DO CONHECIMENTO OU DO LEGADO DOS VITORIOSOS?

Vimos, na Unidade 1, que a biblioteca pública como a entendemos hoje – ou seja, totalmente financiada pelo Estado e voltada para o atendimento de toda a sociedade – tem seu marco em meados do século XIX e causa (exige) muitas mudanças na forma de atuação da biblioteca; em especial, na maneira como esta lidava com o público que a frequentava. Vale lembrar que a biblioteca, mesmo que não o desejasse, atendia a um público muito restrito, uma vez que o número de alfabetizados era muito pequeno e seu acervo era constituído basicamente de livros.



Explicativo

Para se ter uma ideia, em 1906, no Brasil, a taxa de analfabetismo aproximava-se de 74,6%. Quanto seria, por exemplo, na *Idade Média* ou nos primeiros séculos depois do *Renascimento*?

Analfabetismo em diversos estados do Brasil. Recenseamento de 1906.

ESTADOS E DISTRITO FEDERAL	DE 1.000 HABITANTES	
	SABIAM LER	ERAM ANALFABETOS
ALAGOAS	200	800
AMAZONAS	321	679
BAHIA	228	772
CEARÁ	218	782
DISTRITO FEDERAL	519	481
ESPÍRITO SANTO	269	731
GOIÁS	218	782
MARANHÃO	254	746
MATO GROSSO	270	730
MINAS GERAIS	256	744



ESTADOS E DISTRITO FEDERAL	DE 1.000 HABITANTES	
	SABIAM LER	ERAM ANALFABETOS
PARÁ	300	700
PARAIBA	168	832
PARANÁ	239	761
PERNAMBUCO	193	807
PIAÚÍ	173	827
RIO DE JANEIRO	231	769
RIO GRANDE DO NORTE	204	796
RIO GRANDE DO SUL	326	674
SANTA CATARINA	257	743
SÃO PAULO	247	753
SERGIPE	247	753
TOTAL	254	746

Fonte: BOMENY, H. **Quando os números confirmam impressões**: desafios na educação brasileira. Rio de Janeiro: CPDOC, 2003. 29 p. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1354.pdf. Acesso em: 18 dez. 2018.

Dissemos também que a biblioteca começa a se preocupar com os aspectos da disseminação da informação, dividindo a importância que era majoritariamente depositada na preservação.

Preservava-se o conhecimento humano registrado em livros e documentos. Muito do que o homem pensou e pesquisou se perdeu. O conhecimento mantido foi o dos que dominavam a sociedade em cada época. Há um autor muito interessante, chamado *Edgar de Decca*, que diz que “a história é contada pelos que venceram”. Quem perdeu não conta a história, não lhe permitem.

Assim, o conhecimento que preservamos é quase todo o conhecimento dos que venceram as batalhas, as guerras, mas também os que venceram os embates intelectuais, os interesses políticos e econômicos, culturais, educacionais etc. Pontos de vista também determinam versões da história.

No começo dos anos 1970, *Chico Buarque de Hollanda* e *Ruy Guerra* escreveram uma peça de teatro chamada *Calabar: o elogio da traição*, que apresenta um personagem que foi considerado traidor por ter apoiado os holandeses contra os portugueses. Estes venceram e *Calabar* se transformou em traidor. Mas, se os holandeses tivessem vencido, *Calabar* seria hoje um herói brasileiro.



Multimídia

Você pode ler a peça *Calabar, o elogio da traição* e escutar suas músicas on-line, conheça:

a) **Texto da peça:**

[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=185686;](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=185686)

b) **Músicas da peça:**


[http://cliquemusic.uol.com.br/discos/ver/calabar--o-elogio-da-traicao-ou-chico-canta.](http://cliquemusic.uol.com.br/discos/ver/calabar--o-elogio-da-traicao-ou-chico-canta)

Com as revoluções Industrial e Francesa, e a necessidade de mão de obra especializada além das reivindicações por igualdade, refletidas no acesso à educação pública e gratuita, os usuários passam a fazer parte dos interesses e das preocupações das bibliotecas públicas. Dessa forma, as necessidades informacionais deles também passam a se constituir como base para a formação de acervos. Isso não significa, no entanto, que o conhecimento das classes trabalhadoras tomará grandes espaços nesses novos acervos. Estes continuarão sendo construídos a partir das concepções e conceitos dos dominantes, continuarão se traduzindo em armas ideológicas para manter a sociedade dentro do mesmo modelo. Mas algumas concessões, mesmo que a contragosto, passam a ser feitas.

2.4 FUNÇÃO EDUCACIONAL

Em muitos textos da área você encontrará o termo **função social**. Nem tudo é consenso na área (ainda bem). Há correntes que preferem o termo **responsabilidade**, pois ele, o termo, defende a ideia de que temos responsabilidades na sociedade e não funções determinadas, como tijolinhos em um muro buscando – e exercendo cada um a sua função – um equilíbrio. Para aqueles que preferem o termo **responsabilidade** (e eu me incluo entre eles), o equilíbrio social não existe, estamos sempre em conflitos.

Esta é uma discussão para um outro momento, ou outros momentos, pois ela não se esgota. Por isso, mesmo não concordando muito com ele, estou empregando o termo **função**, pois a maioria dos textos o utiliza. Só por isso.



A biblioteca pública, como você se lembra, influenciada pela **Revolução Industrial** e pela **Revolução Francesa** se apresenta mais ou menos em 1850 a partir das reivindicações por acesso à educação pública. Nada mais natural que sua primeira grande responsabilidade, sua primeira grande função, seja a educacional.

Na época, a biblioteca pública foi considerada como suporte, como apoio, como complemento da educação. Pensando bem, até hoje essa ideia permeia a concepção de biblioteca pública, criando um estereótipo não só do profissional como do próprio espaço em que ele atua.

No começo da biblioteca pública moderna, assim, dois itens determinaram a forma como a sociedade a entendia: os livros e a relação com a educação formal, com o ensino. Por concepção, a biblioteca que atende a escola é a escolar. Óbvio, não? Mas parece que não é bem assim que se construiu o estereótipo da biblioteca pública.

No Brasil, por exemplo, ainda hoje a maior parte das escolas não possui uma biblioteca adequada, bem estruturada, atuando, de fato, com informação (lembra que a informação é o objeto de trabalho, de ação e de interesse da Biblioteconomia?). Uma lei federal determina que – até 2020 – todas as escolas brasileiras devam contar com biblioteca e com bibliotecário. Momento para resolvermos um grave problema histórico bibliotecário brasileiro.

Por falta da biblioteca escolar, a biblioteca pública foi obrigada a “fazer as vezes de”, ou seja, passou a atender alunos das escolas da região em que estava instalada. Algumas dessas bibliotecas procuraram contatar os professores desses alunos, buscando entender o que precisariam eles pesquisar. Em alguns lugares, a relação bibliotecário-professor-aluno ou biblioteca-escola-aluno funcionou; em outros, boa parte deles, não. Até hoje a biblioteca pública vive um conflito, pois seu acervo não é construído para atender ao público das escolas.

O atendimento de alunos por parte das bibliotecas públicas também foi motivado pela demanda dos primeiros por pesquisas exigidas nas escolas. Os professores, atendendo a um modo de compreender as *Leis de Diretrizes e Bases da Educação*, de 1971, passaram a solicitar dos alunos pesquisas a serem realizadas fora do horário de aula. No entanto, nem os professores foram devidamente capacitados, nem os espaços para a realização dessas pesquisas foram adequados e preparados para atender aos alunos. Entre esses espaços estavam as bibliotecas escolares (quase inexistentes) e as bibliotecas públicas. Atender às pesquisas dos alunos passou a ser considerado um serviço temporário, sendo extinto quando as bibliotecas escolares estivessem devidamente aptas para atender a essa demanda.

Ocorreu, entretanto, que até hoje as bibliotecas escolares continuam praticamente inexistindo nas escolas, e as bibliotecas públicas permanecem como base para atender às pesquisas escolares.

Figura 8 - As bibliotecas escolares, quando bem equipadas, visualmente interessantes, com profissionais especializados, etc., transformam-se em um lugar agradável ao qual os estudantes recorrem não só para realizar pesquisas escolares, mas para buscar leituras, acesso a diversas informações e participar de atividades culturais promovidas por esses espaços



Fonte: Flickr⁹



Explicativo

Um texto que lida e discute essa problemática é o de *Silvio Mieli*, chamado *Os perigos do Google como único filtro da realidade*. É um texto curto e indico que você o leia por inteiro. Para ilustrar, apresento aqui um trecho: “[...] atitude natural dos usuários da internet: procurar qualquer coisa naquele retângulo mágico do buscador *Google*. Se não aparecer nada talvez ‘a informação que buscamos efetivamente não exista’. Será?”.

As pessoas acreditam que se não encontrarem uma informação no *Google*, ela não existe. Essa ideia não é verdadeira. O *Google* indica fontes, basicamente de informações factuais. Não é o *Google* que dá a informação, são as fontes indicadas por ele. Nós chamamos isso de **fonte referencial**. Para uma pesquisa, o *Google* é apenas o começo. Para uma melhor compreensão do que estou dizendo: antigamente, as pessoas, quando começavam uma pesquisa, recorriam às enciclopedias. Hoje, elas continuam recorrendo a estas, mas não apenas em papel, já que também podem ser acessadas *on-line*. Pense um pouco no que você procura no *Google*: um nome, uma data, um fato, coisas assim, certo?

Outro trecho:

O objetivo do trabalho [pesquisa realizada na Áustria], cujos resultados foram pouco divulgados pela mídia corporativa, é demonstrar o comportamento monopolista da empresa *Google*, além de denunciar o que os pesquisadores

⁹ FLICKR. Prettyemmy. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/articulate/2956280736/in/gallery-thepenafloridas-72157625864551012/>. Acesso em: 18 dez. 2018.

chamaram de “Síndrome Google de Copiar e Colar”. Trata-se da emergência de uma geração de “pesquisadores” que se limitam a fazer uma colcha de retalhos de informações pinçadas no *Google*, travestidas de trabalhos escolares ou acadêmicos, sem ao menos citar as fontes.

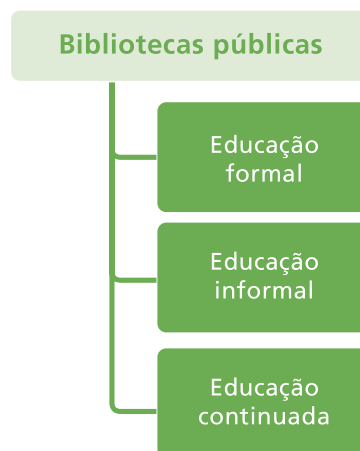
Por que o autor diz isso? Porque é muito perigoso que uma única empresa privada no mundo monopolize o acesso a boa parte das informações disponíveis. Ela não pode fazer o que bem entender? Não pode ela “esconder”, “omitir”, “destacar”, “desconsiderar” informações? Qual a informação que aparece em primeiro lugar como resultado de uma pesquisa que fazemos? Lembre-se: como uma empresa privada, o *Google* precisa sobreviver, e o faz através de propaganda, vendendo lugares de destaque para determinados tipos de informação, etc. Eis aí o grande perigo de deixarmos nas mãos de uma única empresa, que visa lucro, o acesso a informações.

Fonte: MIELI, S. Os perigos do Google como único filtro da realidade. **Brasil de Fato**, v. 6, n. 274, p. 2, maio/jun. 2008. Disponível em: <http://www.brasildefato.com.br/node/3601>. Acesso em: 18 dez. 2018.

Ao compararmos os acervos dessas bibliotecas públicas com os das bibliotecas escolares, convém salientar que o acervo destas últimas é construído com base nos objetivos da escola, acompanhando o currículo escolar, a base conceitual para o ensino aprendizagem, etc. Também se orienta por necessidades informacionais extracurriculares, apoiando as atividades promovidas pela escola como também formulando e implantando outras.

As bibliotecas públicas têm, sim, uma responsabilidade para com a educação, embora não necessariamente com a educação formal. Seu objetivo está mais voltado para a educação informal e para a educação continuada.

Figura 9 - As bibliotecas públicas têm responsabilidade com a educação, mas não necessariamente a formal



Fonte: Produção do próprio autor

A educação informal, muitas vezes, é entendida como sinônimo de educação continuada. Outras vezes, no entanto, elas são compreendidas de maneira diversa.

Educação formal é aquela que está estruturada, quase sempre apoiada em uma legislação específica e oferece aos que a frequentam condições de assumir cargos que exigem uma formação prévia. Os cursos fundamental, médio, superior, etc. são bons exemplos.

Terminado um curso, diploma na mão, vontade de começar uma nova vida profissional, o ex-aluno não deve considerar sua formação como finalizada. Ao contrário, ela será iniciada, de fato, nesse momento. Sua formação continua para o resto da vida. A partir do fim do curso ou dos cursos, o agora profissional deverá frequentar cursos de atualização, participar de eventos, ler revistas especializadas, participar de estágios técnicos, realizar viagens técnicas, sempre de acordo com as exigências da área que escolheu como profissão. A essas ações damos o nome de educação continuada. Ela está vinculada ao seu fazer profissional.

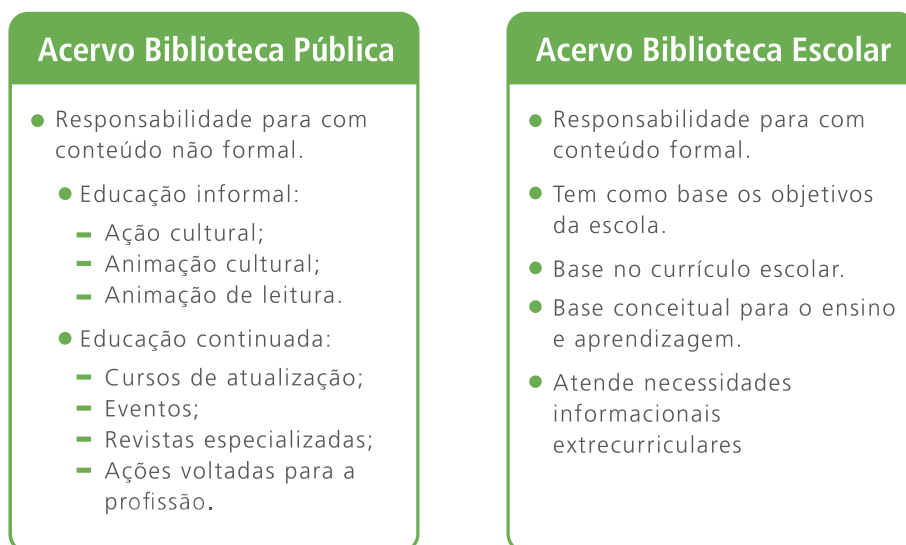
Independente de sua profissão, qualquer pessoa precisa se educar, pois o viver assim o exige. Nosso viver pede conhecimento, pede relação com o mundo e com os outros. A educação informal, não estruturada, não organizada a partir de normas, leis, etc., propicia isso. Estar no mundo implica constante aprendizado, constante educação. Não sabemos o que vamos aprender amanhã, ou daqui a pouco, mas sabemos que aprenderemos algo.

A biblioteca pública deve lidar tanto com a educação informal como com a educação continuada. Muitos serviços oferecidos por ela estão voltados para esse tipo de educação.


Em outras disciplinas você conhecerá o que chamamos de “ação cultural”, “animação cultural”, “animação da leitura”. Esses trabalhos se direcionam para a educação informal e para a educação continuada.

A função educacional da biblioteca teve início, como já foi dito, basicamente com o início da biblioteca pública nos moldes atuais e continua até hoje presente nos fazeres, preocupações e objetivos das bibliotecas. Apesar da inclusão, no passar dos tempos, de novas funções, a educacional continua existindo e é compreendida pelo estereótipo da biblioteca como a mais importante das funções.

Figura 10 - Apesar dos dois espaços serem bibliotecas, as responsabilidades educacionais de seus acervos são distintas, e conseqüentemente, a atuação do bibliotecário também é diferente



Fonte: Produção do próprio autor



A tecnologia passa a ideia de que não é preciso intermediários para o acesso à informação e, entre outras coisas, à educação. Não nasceu ela, tecnologia, de geração espontânea, ao contrário, foi criada e é mantida e atualizada por homens, seres humanos. Claro, então, que há intermediários. A tecnologia não eliminou os professores ou os documentos em papel, nem mesmo eliminou a necessidade de acesso a textos completos para se realizar uma pesquisa. A função educacional, em especial nas bibliotecas escolares, lida com a pesquisa escolar, mas, hoje, ela é feita, em boa parte, no âmbito eletrônico, das redes, da *internet*. Vejamos o caso específico do *Google*.

2.4.1 Pesquisa escolar: o caso *Google*

Os alunos utilizam a *internet* para elaborar boa parte das pesquisas escolares. Partem, quase sempre, do *Google* e se satisfazem com um, ou no máximo dois *links* apontados na primeira lista de sugestões da janela aberta a partir do momento em que se redige a palavra-chave para a pesquisa.

O *Google* é equivalente a uma versão empobrecida das tradicionais enciclopédias apresentadas no formato papel. Aliás, o *Google* corresponde aos índices dessas enciclopédias, pois os conteúdos dos temas pesquisados não são oferecidos pelo *Google*. Este apenas aponta e sugere, de maneira ampla e geral, locais virtuais em que os temas são trabalhados e podem ser acessados.

As enciclopédias sempre foram utilizadas como um princípio de pesquisa. Embora os alunos a usassem como texto final das pesquisas, elas, de fato, apenas apresentavam dados gerais sobre um tema. A partir desse contato e de um conhecimento geral do assunto oferecido pela enciclopédia, o pesquisador iniciaria sua pesquisa, confrontando textos, pontos de vista, modos de entender o objeto de estudo, etc. Em nenhum momento a enciclopédia deveria ser entendida como documento único para elaborar uma pesquisa. Vale lembrar que uma pesquisa pressupõe o confronto de ideias e a visão única oferecida pelo texto presente na enciclopédia não contribui para isso.

Da mesma forma, o *Google* não pode ser utilizado como único espaço para pesquisas. Há muita discussão, hoje, sobre a forma pela qual o *Google* sugere *links* sobre determinados temas. Sua explicação oficial é de que os primeiros *links* são os mais procurados e acessados. Quanto mais procurado e acessado um *link*, sua posição estará entre os primeiros a serem indicados. Porém, quando fazemos uma pesquisa que resulta em, digamos, 20.000 itens detectados, quase sempre somos levados a clicar nos primeiros *links* arrolados na primeira janela aberta de *links*. Assim fazendo, estamos reforçando tais *links* entre os mais acessados e contribuindo para que permaneçam no topo dos principais indicados.

Figura 11 - Ferramentas como esta facilitam as buscas em meio a tantas informações disponíveis na internet, mas ao mesmo tempo priorizam informações que receberam mais cliques e que não necessariamente são fontes confiáveis



Fonte: Flickr¹⁰

A pesquisa escolar é um problema bastante sério, que vem preocupando estudiosos de várias áreas (Educação, Psicologia, Biblioteconomia, etc.) há muito tempo. Tal problema agrava-se ainda mais a partir das atuais Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).

Não estamos defendendo aqui a exclusão do *Google* ou de buscas em redes eletrônicas. Ao contrário, elas devem ser incentivadas. O que advogamos é um uso adequado desses recursos como subsídios para a pesquisa escolar.

Negar a importância dos recursos eletrônicos seria contraditório, uma vez que estamos, neste momento, nos comunicando de forma virtual, empregando a virtualidade como foco e norte de aprendizado.

Cabe destacar uma discussão que vem se ampliando sobre a chamada “*Googlarização* do mundo”. Muitos estudiosos afirmam que o domínio do mundo virtual pelo *Google* – claramente perceptível – pode levar a um monopólio cujos resultados são imprevisíveis.



2.4.2 Atividade

Robson e Mauro são bibliotecários. Robson trabalha em uma biblioteca pública e Mauro em uma biblioteca de uma escola municipal. Alguns amigos comuns entendem que o trabalho de ambos é voltado para a educação dos usuários das bibliotecas, mesmo que uma seja biblioteca pública e outra, biblioteca escolar. Como você ajudaria o Robson e o Mauro a explicar para seus amigos a diferença de atuação nas bibliotecas em que trabalham?

¹⁰ FLICKR. Global panorama. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/121483302@N02/14253849274/>. Acesso em: 18 dez. 2018.

Resposta comentada

Os dois tipos de bibliotecas trabalham com a educação. A biblioteca escolar, onde atua o Mauro, exatamente por estar inserida em uma escola, tem a educação formal como o objeto de trabalho mais claro e definido. Por sua vez, o Robson, que atua em uma biblioteca pública, não tem a educação como seu único objeto de trabalho, mas, pensando exclusivamente na educação, suas atividades estão voltadas para a educação informal e continuada. Elas irão diferir em seu acervo e em atividades para a sociedade. As bibliotecas públicas estão voltadas para o educação informal e continuada.



2.4.3 Atividade

Leia o breve trecho do conto *Lili e o moinhos*, de *Luís Milanese*:

[...] No dia seguinte à inauguração, Lili madrugou na Biblioteca Comendador Saraiva – o nome que, por decisão da Diretoria, foi dado à nova repartição – à espera do primeiro leitor. Ele demorou a chegar e não manifestou interesse especial pelo acolhimento de Lili: queria apenas “fazer pesquisa” naquele “livro grande”. O alvo era Frei Caneca e o tal livro, a Enciclopédia Barsa. O verbete foi localizado e o aluno se pôs a copiar. Lili observou que, esgotado o verbete, o menino pulara para o seguinte. Logo depois, a jovem bibliotecária ouviu a frase que a perseguiria por um bom tempo: — Tia, até onde eu copeio? [...]. (MILANESI, 1997, p. 150-157).

Fonte: MILANESI, L. *Lili e os moinhos*. In: MILANESI, L. **A casa da invenção**. 3. ed. São Caetano do Sul: Ateliê, 1997, p. 150-157. Disponível em: http://www.ofaj.com.br/disciplinas_conteudo.php?cod=5. Acesso em: 16 ago. 2015.

- Como a situação vivenciada por Lili se aproxima do caso sobre a utilização do *Google* como ferramenta de pesquisa?
- Diante desses dois cenários (caso da Lili e *Google*), o que você, como bibliotecário, proporia para que houvesse um melhor atendimento em relação às pesquisas escolares?

Resposta comentada

- Dissemos anteriormente que as pessoas acreditam que, para pesquisar, basta acessar o *Google*, digitar o que se quer e pronto. O *Google* é apenas o começo da pesquisa, ele nos fornece dados gerais ou fatuais sobre o tema de pesquisa. É a partir disso que a pesquisa será iniciada. Por seu lado, quando não existia a internet (e, portanto, o *Google*), os alunos procuravam apenas as enciclopédias e acreditavam que faziam pesquisas apenas copiando os verbetes sobre o assunto solicitado pelo professor. Talvez você tenha vivenciado isso. Se foi assim, deve ter percebido

que, copiando verbetes de enciclopedia ou se utilizando do “corta e cola” no *Google*, conseguimos apenas dados gerais sobre um tema. A pesquisa pressupõe um aprofundamento.

- b) No curso que você está realizando, há uma disciplina que trabalha com o **serviço de referência**. Nela, serão apresentadas formas e dinâmicas para o atendimento ao público, incluindo discussões sobre o que chamamos de **processo de referência**. Os atendimentos são individualizados, mas os processos estão voltados para a coletividade. No caso da biblioteca escolar, o bibliotecário precisa trabalhar em estreita sintonia com os professores e dentro das políticas pedagógicas implantadas na escola. Não há, nesse caso, um trabalho isolado que resolva o problema da pesquisa escolar. Mas, para amenizar o problema, você pode explicar para o aluno como se faz uma pesquisa, o que ele consegue utilizando o *Google* ou enciclopedias. Esta é uma ação da qual muitos bibliotecários se valem.

2.5 FUNÇÃO RECREACIONAL E FUNÇÃO CULTURAL

No início do século XX duas novas funções começam a ser assimiladas pelas bibliotecas públicas: a cultural e a recreacional. Essa última também é conhecida como função de lazer. Naquela época, as pessoas procuravam muito mais do que apenas um espaço educativo, exercido até então quase que exclusivamente pelas bibliotecas.

É preciso entender que as funções não são claramente dissociadas, elas se imbricam, embora as características de cada função permitam que sejam distinguidas em separado. Assim, até o final do século XIX, as pessoas procuravam bibliotecas também visando seu entretenimento, respostas para dúvidas e curiosidades, bases para um conhecimento maior, etc. O objetivo dos fazeres das bibliotecas, por seu lado, estava voltado para uma proposta educativa. A leitura, entendida no estereótipo como a principal ação desses espaços, era entendida apenas com um viés instrumental, ou seja, visava fazer com que as pessoas se educassem mais. O livro e a leitura eram instrumentos para que a educação informal e continuada (e a formal também) estivessem à disposição dos interessados.

Mas – e há sempre um “mas” nas histórias –, os frequentadores das bibliotecas passaram a pedir, a reivindicar, a apresentar outros interesses, que não especificamente os de ordem educacional.

Utilizarei, para ficar um pouco mais claro, um trecho de um livro meu (perdoe-me por isso):



A função recreacional ou de lazer entende a biblioteca pública como um espaço que deve oferecer entretenimento através da leitura, promovendo-a e intensificando o empréstimo de livros. Ao lado do atendimento a alunos, essa é a função mais conhecida da biblioteca pública. O bibliotecário, no entender da população, armazena livros visando oferecê-los para os interessados, daí resultando, entre outros motivos, o estereótipo do profissional e da biblioteca, ou seja, um espaço destinado exclusivamente para a leitura e supervisionado por uma senhora de óculos, birote, fazendo tricô ou lendo, eternamente sentada, apontando para os catálogos quando indagada sobre a localização de algum livro e exigindo silêncio dos usuários (ALMEIDA JÚNIOR, 2013, p. 72).



Multimídia

Se você desejar, pode acessar e **baixar** gratuitamente o livro:

Disponível em: http://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/biblioteca%20publica_digital.pdf.

Já discutimos sobre o estereótipo, mas repare como esse tema sempre retorna, sempre busca espaço para ser notado. Muitas outras vezes você vai se deparar com ele. Isto significa que é um tema importante e sobre o qual você deve ficar atento.

O que pensavam as pessoas do início do século XX sobre leitura de lazer na biblioteca? Veja o que *Mueller* diz sobre esse período:

A evolução dos objetivos da biblioteca pública, inicialmente restritos à “boa causa” da educação, ampliando-se gradualmente para a cultura em geral, inclusive lazer, não foi acompanhada de aprovação geral. Mas a dependência que tinham desta aprovação para sua manutenção fez com que as bibliotecas começassem a se esforçar para se tornarem mais populares, mais usadas, mais amplamente aceitas. [...] Com a popularização das bibliotecas, vieram também as críticas. O fato de estarem as bibliotecas públicas oferecendo, com dinheiro público, muita literatura popular, julgada potencialmente pernicioso, causou muitas discussões (MUELLER, 1984, p. 14-15).



Multimídia

Você pode ler mais sobre a função e os papéis da biblioteca nesse artigo:

MUELLER, S. P. M. Bibliotecas e sociedade: evolução da interpretação de função e papéis da biblioteca. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v.13, n.1, p.7-54, mar. 1984. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000002698&dd1=ad36d>.

Não vamos nos esquecer: estamos abordando situações ocorridas no final do século XIX e início do século XX. Já vimos que o número de alfabetizados era muito pequeno no Brasil. Além disso, as concepções da população estavam afeitas àquele período. Não podemos analisar ou tecer críticas a partir das concepções da sociedade atual.

Considerando isso, devemos entender a ideia aposta à literatura popular de **potencialmente perniciosa** como um modo de pensar e conceber a literatura da época. Ainda hoje temos conceitos muito próximos e semelhantes a este. Veja, por exemplo, como qualificamos a literatura denominada de **autoajuda**, bem como livros vendidos em bancas de jornal (séries como *Júlia*, *Sabrina*, *Bianca*, entre outras). Os livros de *Paulo Coelho* servem bem para essa discussão. Trata-se de um autor amado e odiado. Muitos leem todos os seus livros, outros o evitam e o criticam.

Você, por exemplo, gosta dos livros de *Paulo Coelho*?



Multimídia

Um parêntese: vale como sugestão de leitura o livro: ABREU, M. **Cultura letrada**: literatura e leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

Você vai encontrar nesse livro um entendimento muito interessante do que é uma boa leitura, um bom livro. A autora busca explicar por que sempre entendemos como os melhores livros aqueles que são identificados como obras clássicas. Também discute um pouco sobre os motivos para que as listas de melhores livros, elaboradas por grandes conhecedores do assunto, são sempre diferentes.

Retomando nossa conversa sobre as novas funções da biblioteca pública assumidas a partir do início do século XX, percebemos, com base no que nos disse *Suzana Muller*, que a aceitação e aprovação desses novos objetivos não foram fáceis. Ainda hoje as bibliotecas, tanto escolares como



públicas, discutem como lidar com tipos de literatura que recebem certas restrições dos críticos ou da própria sociedade. Aquelas bibliotecas devem incluir em seus acervos livros como os das coleções *Júlia*, *Sabrina* e *Bianca*, citados anteriormente? E os livros de *Paulo Coelho*? Se o bibliotecário os achar populares demais, sem qualidades literárias, pode simplesmente ignorá-los? E romances como *Cinquenta tons de cinza*, *best-sellers*, muito vendidos, populares, o que fazer com eles se o bibliotecário os considerar, digamos, “quase” pornográficos? E as histórias em quadrinhos eróticas, como as de *Manara*, *Crepax* e outros? Deve-se criar um espaço proibido para menores de 18 anos?

Essas discussões não têm uma resposta pronta, certa, correta. Ao contrário, sempre vai depender da comunidade atendida, do tipo de material que constitui o acervo da biblioteca, os serviços oferecidos, os interesses informacionais do público atendido, das concepções dos bibliotecários e outros funcionários que atuam em cada espaço, etc.

Além da função educacional, as bibliotecas assumiram a função recreacional: por um lado, atendendo a uma demanda da população; por outro, porque precisavam de uma participação maior da população para que fossem mantidas, para que recebessem verbas para continuar em funcionamento.

O tipo de material oferecido, a contragosto por parte de boa parte dos bibliotecários e da sociedade, passou a ser objeto de discussão. Houve gente que disse que a biblioteca deveria dar apenas boa literatura, relacionando a biblioteca com a prefeitura, afirmando que esta não oferece água estragada para os munícipes.

Outra ideia presente nas discussões da época era sobre o trabalho das bibliotecas com a cultura. Disso resulta o que chamamos de função cultural da biblioteca.

Cabe alertar para o fato de que o conceito de cultura com o qual as bibliotecas trabalhavam, estava voltado para a **erudição**, para a **sabedoria**. A biblioteca, a partir dessa ideia, teria como responsabilidade oferecer recursos para que as pessoas pudessem entrar nos espaços do saber, para que alcançassem um grau de conhecimento que lhes permitissem compreender os conteúdos dos livros, independentemente dos temas ou assuntos que abordassem. Vivíamos nas bibliotecas as ideias iluministas, as ideias dos enciclopedistas.



Multimídia

Há muitos materiais que abordam o iluminismo e o enciclopedismo. Você pode localizá-los na internet a partir do *Google* ou pode se utilizar de enciclopedias, livros sobre História, Filosofia e outros.

Importante conhecer um pouco dessas correntes, pois elas aparecerão em vários momentos do curso. Faça uma pausa agora para buscar esse conhecimento. Mais adiante você concordará comigo.

A opção por entender cultura apenas como sinônimo de erudição fez com que a biblioteca, naquele momento, deixasse de lado uma ideia mais antropológica de cultura, ou seja, aquela voltada para os valores, crenças, experiências, atitudes, hábitos, conhecimentos do homem. Esse último entendimento, como dito, não foi assumido pelas bibliotecas.

Cultura era entendida mais como a **Figura 12** do que a encontrada na *V Semana Cultural das Bibliotecas de Paraisópolis – 2012*.

**Figura 12 - Sábio ou acumulador de conhecimento?
Como medimos o grau de cultura das pessoas?**



Fonte: Flickr¹¹



Multimídia

Ficou curioso para conhecer a *V Semana Cultural das Bibliotecas de Paraisópolis – 2012*? Veja o vídeo, disponível no Youtube:

https://www.youtube.com/watch?v=sotb_Pr9juc.

Diferentes os conceitos e concepções de cultura. É claro que o segundo tem mais proximidade com a comunidade, com os usuários da biblioteca. O primeiro atinge um público restrito que, além de saber ler, claro, possui um acervo de conhecimento pessoal muito grande.

¹¹ FLICKR. Seán Ó Domhnaill. Disponível em: https://www.flickr.com/photos/an_solas/6710589197/. Acesso em: 18 dez. 2018.

Veja essa síntese sobre a função cultural da biblioteca:

Desde sua inclusão entre as funções exercidas pela biblioteca pública, a cultural sempre foi entendida como sinônimo de erudição. A biblioteca deveria propiciar à população meios para que as pessoas pudessem ampliar sua “inteligência” através de materiais, em especial o livro, considerados de “lastro”. A preocupação era, e ainda é, levar as pessoas à leitura dos “bons” livros, entendidos esses a partir de conceitos dos próprios bibliotecários e de análises mais ou menos sedimentadas e consensuais de críticos da literatura (ALMEIDA JUNIOR, 2013, p. 72).

Durante muito tempo as três funções (educacional, recreacional e cultural) conviveram como objetivos da biblioteca. Apenas no final dos anos 1960 e início dos anos 1970 é que uma nova função (informacional) se agregará às outras.



2.5.1 Atividade

O projeto *Bibliopraia* mostra que os espaços das bibliotecas não ficam restritos aos seus ambientes tradicionais. É possível, entre outros, oferecer serviços na praia, como esta experiência das bibliotecas públicas do Paraná. Faça uma pesquisa sobre esse projeto que foca na leitura de lazer. Procure conhecer a comunidade atendida, o tipo de material que constitui o acervo da biblioteca, os serviços oferecidos, os interesses informacionais do público atendido.

Resposta comentada

Muitas pessoas gostam de praia. Eu sou um deles e talvez você seja também. Infelizmente, a cidade onde moro fica no interior, logo, sem praia. Lamentavelmente, também não tenho recursos para viajar todas as vezes que tenho vontade. Outra coisa que gosto é ler. Meu salário não me permite comprar todos os livros que gostaria. Por que não unir os dois gostos, ou seja, ler na praia? A biblioteca pública pode oferecer esse serviço: oferece livros para empréstimo dos interessados na praia. Mais: na areia. As pessoas emprestam livros e podem ler na praia ou levar para casa. Mas não é apenas esse serviço que a *Bibliopraia* pode oferecer. Pode ter contação de histórias, tanto para crianças como para adultos; grupos de discussão sobre determinados livros ou autores; pequenas palestras sobre assuntos variados, como “Prevenção do câncer de pele”, “Cuidados que se deve ter na praia”, “Cuidados com a criança e idosos”, “Ecologia”, “Biodiversidade”, “Animais marinhos”, etc. Os usuários desse tipo de biblioteca têm acesso tanto a ações e atividades voltadas para o lazer, como para o conhecimento. E, nesse caso, o melhor (para quem gosta): na praia.

2.6 FUNÇÃO INFORMACIONAL

Você já percebeu, pelo nome da função e pelo fato de termos dito na unidade anterior que o objeto da Biblioteconomia é a informação, que essa função é muito importante. De fato, ela alterou muita coisa nos conceitos arraigados, consolidados (ao menos era o que se pensava) da Biblioteconomia.

Veja um resumo do surgimento da função informacional:

Já no final dos anos 60 e início dos 70 deste século [século XX], acrescenta-se às outras funções a informacional. Tal função, na verdade, é fruto não de um estudo de usuário que tenha detectado a necessidade da população por informações para atender e fazer face a problemas cotidianos, mas de um interesse da própria biblioteca: lutar por uma fatia maior do orçamento destinado aos equipamentos culturais. Na época, a verba determinada para a manutenção dos espaços culturais nos Estados Unidos, por uma série de razões, havia diminuído, exigindo que esses espaços, para obter um quinhão ao menos correspondente aos anos anteriores, se apresentassem como úteis e importantes socialmente. As bibliotecas americanas copiaram um serviço oferecido na Inglaterra para atender aos problemas surgidos no pós-guerra. Foram instituídos, logo após a II Grande Guerra Mundial, na Inglaterra, escritórios de atendimento à população (*Citizen Advice Bureau*) (ALMEIDA JUNIOR, 2013, p. 74).

Esses escritórios atendiam pessoas que retornavam da guerra e precisavam se realocar em sua vida cotidiana. Copiados, os serviços passaram a ser oferecidos nas bibliotecas estadunidenses, com o nome de Centros Referenciais.

Esses Centros introduziram vários novos termos ao linguajar bibliotecário, tentando identificar e distinguir seus serviços, suas ações e o tipo de informação com a qual trabalhavam. “Informação Utilitária” é um desses termos. Empregada por vários autores, o termo acabou predominando como designativo da informação com a qual lida o Centro Referencial, embora outras tenham também surgido, como “informação comunitária”, “informação social”, “informação para o cotidiano” e “informação para a cidadania” (ALMEIDA JUNIOR, 2013, p. 75).

Maria Cecília Diniz Nogueira, em trabalho do início dos anos 1980, época em que as discussões sobre informação para a cidadania eram constantes e tinham um grande espaço na área da Biblioteconomia, define **Informação Utilitária** como sendo:



[...] Informações que não são encontradas em documentos e que dão respostas às necessidades do dia-a-dia, tais como indicação de emprego, burocracia para tirar documentos, localização de organismos governamentais ou particulares, etc. (NOGUEIRA, 1983, p. 210).



Multimídia

Nesse artigo você pode encontrar mais informações sobre as bibliotecas públicas: NOGUEIRA, M. C. D. A realidade da biblioteca pública. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.12, n.2, p.205-12, set. 1983.

A informação passa a ser entendida como importante e necessária entre os fazeres do profissional bibliotecário e se transforma, de fato, em seu objeto de estudo, preocupação e trabalho. Essa nova função transforma as concepções da Biblioteconomia, apontando para interesses novos e para novos fazeres.

Lidando com informações para a cidadania, é possível direcionar olhares para as classes trabalhadoras, para as classes populares, segmento que pouca preocupação havia provocado dentro da área. Mais: encaminha a Biblioteconomia para trilhas antes desconhecidas ou desconsideradas. Descortinam-se novos espaços e segmentos de atuação e de trabalho. Novas perspectivas de estudos e pesquisas. Novos interesses.

Nosso maior educador, nosso maior teórico de educação, reconhecido em todo o mundo, *Paulo Freire*, fez uma palestra em um *Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação*, realizado em *João Pessoa*, em 1982. Nessa palestra, aponta ele para os aspectos políticos de todo fazer profissional e, em especial, do bibliotecário.

É evidente que a questão fundamental para uma rede de bibliotecas populares, ora estimulando programas de educação ou de cultura popular (de que fizessem parte atividades no campo da alfabetização de adultos, da educação sanitária, da pesquisa, do teatro, da formação técnica, da política em suas relações com a fé), ora surgindo em resposta a exigências populares provocadas por um esforço de cultura popular, é política (FREIRE, 1996, p. 35).

A partir dessa época (final dos anos 1960 e início dos anos 1970), quatro funções das bibliotecas passam a conviver: educacional, recreacional (ou de lazer), cultural e informacional. Cada uma contribui com aportes teóricos e práticos para a Biblioteconomia, fazendo com que esta vá se adaptando às transformações sociais de seu tempo, como objeto (na medida em que recebe influências e precisa se amoldar a exigências externas) e como sujeito (na medida em que influencia a sociedade com suas ideias e concepções).



2.6.1 Atividade

Leia um trecho do livro de *Luis Augusto Milanese* e tente analisar o trabalho do bibliotecário realizado pela personagem principal do **conto**.

Trecho: Lili e os moinhos.

Livro: A casa da invenção.

MILANESI, L. Lili e os moinhos. *In*: MILANESI, L. **A casa da invenção**. 3. ed. São Caetano do Sul: Ateliê, 1997. p. 150-157. Disponível em: http://www.ofaj.com.br/disciplinas_conteudo.php?cod=5. Acesso em: 18 dez. 2018.

Estamos de volta à história da Lili. Você acredita que ela, em seu trabalho, conseguiu contemplar as quatro funções/responsabilidades da biblioteca? Indique ao menos um exemplo para cada uma das funções no trabalho que ela desenvolveu na biblioteca.

Resposta comentada

A Lili teve uma atuação diferenciada na biblioteca da escola em que trabalhou. De início, ela quebrou o estereótipo que professores, alunos e funcionários possuíam do profissional bibliotecário. Ela transformou a biblioteca e, com isso, também pôde transformar muitos usuários. Em seu trabalho, ela atendeu aos alunos que buscavam pesquisa escolar, mas transformou aquela atividade monótona dos alunos, de mera cópia de enciclopedias, em algo mais apropriado à ideia de ensino-aprendizagem. Ela atizou a curiosidade dos alunos e estes passaram a procurar conhecimento além das exigências da escola ou dos trabalhos solicitados pelos professores. Na biblioteca ouvia-se música, lia-se histórias em quadrinhos. Em suma, Lili envolveu os usuários, trouxe-os para o espaço da biblioteca e atuou muito além do que como mero apoio a pesquisas escolares.




2.6.2 Atividade

Leia o trecho a seguir:

A gente manda os meninos pra escola. Quem é que não manda? Só mesmo um sujeito muito atrasado. Um que muda daqui pra lá a toda hora. Um outro que mora aí, pros fundos de um sertão, longe de tudo. A gente manda, todo mundo por aqui manda menino pro estudo. É longe, o senhor viu, mas





manda. Podiam tá na roça com o pai, mas tão na escola. Mas quem é pobre e vive nessa descrença de trabalhar dum tanto, a gente crê e descrê. Menino desses pode crescer aí sem um estudozinho que seja, da escola? Não pode. Eu digo pro senhor, não pode. O meu saberzinho que já é muito pouco, veio de aprender com os antigos, mais que da escola; veio a poder de assunto, mais do que de estudo regular. Finado meu pai já dizia assim. Mas pra esses meninos, quem sabe o que espera? Vai ter vida na roça pra eles todo o tempo? Tá parecendo que não. E, me diga, quem é quem na cidade sem um saberzinho de estudo? Se bem que a gente fica pensando: “O que é que a escola ensina, meu Deus?”. Sabe? Tem vez que eu penso que pros pobres a escola ensina o mundo como ele não é. [...] Agora, o senhor chega e diz: “Ciço, e uma educação dum outro jeito? Um saber pro povo do mundo como ele é?” Esse eu queria ver explicado. O senhor fala: “Eu tô falando duma educação pro povo mesmo, um tipo duma educação dele, assim, assim”. Essa eu queria saber como é. Tem? Aí o senhor diz que isso bem podia ser feito; tudo junto: gente daqui, de lá, professor, peão, tudo. Daí eu pergunto: “Pode? Pode ser dum jeito assim? Pra quê? Pra quem? (...)”

Fonte: SOUSA, A. C. de. Prefácio. In: BRANDÃO, C. R. (org.). **A questão política da educação popular**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. p.7-10. Disponível em: http://www.ofaj.com.br/disciplinas_conteudo.php?cod=26. Acesso em: 16 ago. 2015.

Com base em tudo o que discutimos nesta unidade, qual a ideia de educação que está presente na fala de Antônio Cícero de Souza? Como isso afeta o trabalho do bibliotecário?

Resposta comentada

A função educacional do bibliotecário deve estar vinculada, sempre, às concepções, entendimentos e correntes educacionais implantadas nas escolas em que a biblioteca – neste caso, a escolar – estiver alocada. As bibliotecas públicas também seguem políticas culturais e educacionais dos governos eleitos. Assim, não há uma única forma de atuar, de agir, de criar serviços. Antônio Cícero deixa claro que há distinções de classes sociais no ensino formal. Seu entendimento é empírico, não científico, mas, apesar disso, mostra-se lúcido e consciente. As bibliotecas, em especial as públicas, devem estar atentas para essas contradições e ser também espaços de resistência cultural, oferecendo informações que atendam a vários interesses.

RESUMO

Para discutirmos as responsabilidades sociais do bibliotecário, nos valem de uma visão muito utilizada pela literatura da área, ou seja, a distinção dessas responsabilidades em quatro grandes tópicos. O primeiro deles, que surge com as reivindicações por acesso à educação pública – que tinham como base as necessidades de mão de obra qualificada surgidas com a *Revolução Industrial* e as ideias sobre Liberdade, Igualdade e Fraternidade, oriundas da *Revolução Francesa* –, é o tópico referente à função (termo mais utilizado pela literatura especializada da área da Biblioteconomia) educacional que abrange o ensino formal e a educação continuada. Já no início do século XX, duas novas funções se agregam à educacional: a função recreacional e a função cultural. A primeira lida com necessidades não especificamente de cunho educacional, ou seja, abrangem necessidades de lazer da população. E, claro, as bibliotecas, trabalhando com literatura, não poderiam desconsiderar essa demanda. De maneira idêntica, as bibliotecas depararam-se com a exigência por acesso à cultura, especialmente as de **repertório alto**, vindas não só da sociedade como também dos formadores de opinião da época. O conceito de cultura com o qual as bibliotecas trabalhavam estava voltado para a **erudição**, para a sabedoria. Apenas no final dos anos 1960 e início dos 1970 é que uma nova função se agrega às outras: a função informacional. De fato, ela alterou muita coisa nos conceitos arraigados, consolidados (ao menos, era como se pensava à época) da Biblioteconomia. O objeto de trabalho, de estudo e de interesse da área – a informação – torna-se, nesse momento, mais claro para os profissionais bibliotecários e para uma parte da sociedade.

